

7

Os Outros

Cap. XIII — Item 13

Dizes trazer o deserto no coração; entretanto,
pensa nos outros.

Muitos pisam teus rastros, procurando-te as
mãos no grande vazio...

Pára um pouco e perceber-lhes-ás a presença
nas sombras da retaguarda.

Enquanto gritas a própria solidão, compreendes
que a voz deles está morrendo na garganta,
através de longos gemidos.

Volta-te evê.

Compara os teus braços robustos com os ossos
descarnados que ainda lhes servem de suporte às
mãos tristes em que os dedos mirrados são espi-
nhos de dor. Enxuga o teu pranto e observa os
olhos fatigados que te contemplam... Falam-te a
história de esperanças e sonhos que o tempo so-
terrou na areia da frustração. Referem-se ao frio
contante do lar perdido e à agonia da romagem nas
trevas...

Pára e compadece-te.

Deixa que respirem, ainda mesmo por um mo-
mento só, no calor de teu hálito.

Quem poderá medir a extensão da grandeza

de uma simples semente, caída na terra que o
arado martirizou?

A beleza de um minuto nos ensina, muita vez,
a povoar de alegria e de luz a existência inteira.

Diz antiga lenda que uma gota de chuva caiu
sobre o oceano que a tormenta encapelara e, aflita,
perguntou: — "Deus de Bondade, que farei, sózi-
nha, neste abismo estarrecedor?"

O Pai não lhe respondeu, mas, tempos depois,
a gota singela era retirada do mar, convertida numa
pérola para adornar a coroa de um rei.

Dá também algo de ti aos que bracejam no
torvelinho do sofrimento, e, mesmo que possas ofer-
tar apenas um pingão de amor aos que padecem, tua
dádiva será filtrada pelas correntes da angústia
humana e subirá, cristalina e luminescente, na dire-
ção dos céus, para enfeitar a glória de Deus.

MEIMEI

